

Cássia Navas, Marta Isaacsson, Sílvia Fernandes

ORGANIZAÇÃO

ENSAIOS EM CENA



ABRACE

2010 © Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Abrace)
ISBN 978-85-87776-07-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida,
sob qualquer forma, sem prévia autorização da Abrace.

Realização:

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Abrace)
Av. Araújo Pinho, 292 • Canela
40110-150 • Salvador • BA
www.portalabrace.org

Produção editorial e gráfica:

Et Cetera Editora
R. Carafbas, 176 • Casa 8 • Pompeia
05020-000 • São Paulo • SP
Fones: (11) 3368-5095 / (11) 3368-4545
www.etceteraeditora.com.br • etcetera@etceteraeditora.com.br

Iconografia:

Shi-Zen, 7 cuias, 2004, Lume. Foto: Tina Coelho (capa)
Agada, 2004, Ricardo Puccetti. Foto: Julia Zakia (p. 6)
Você, 2009, Ana Cristina Colla. Foto: Adalberto Lima (p. 12-13)
Shi-Zen, 7 cuias, 2004, Lume. Foto: Tina Coelho (p. 22-23)
Na outra margem, 2010, Bernardo Del Rey e Manhã Ortyz. Foto: Alessandra Nohvais (p. 58-59)
Gebo, 2010, Ciane Fernandes. Foto: Alec Himwich (p. 92)
Processo Macbeth, 2009. Foto: Marco Cabral Vaz (p. 104)
A flor do café, 2008, Nara Calipo. Foto: Élder Ribeiro (p. 106-107)
Moteri na Aldeia Asuriní, 2006. Foto: Alice Villela (p. 124)
Bailado do deus morto, 1933, Flávio de Carvalho (p. 166-167)
Nascedouro, 2008, Elisa Massariolli da Costa. Foto: Isabella Pereira (p. 228-229)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ensaaios em cena / organizadores Cássia Navas, Marta Isaacsson, Sílvia
Fernandes. — 1. ed. — Salvador, BA : ABRACE – Associação Brasileira de
Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas ; Brasília, DF : CNPq, 2010.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-87776-07-5

1. Artes cênicas 2. Ensaaios 3. Teatro 4. Teatro – História e crítica I. Navas,
Cássia. II. Isaacson, Marta. III. Fernandes, Sílvia.

10-10731

CDD-791

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes cênicas : Artes da representação 791

UMA PROPOSTA EVOLUCIONISTA PARA O ENTENDIMENTO DE PROJETO

Helena Katz

Este texto trata de um campo científico que se constrói na articulação entre observação, levantamento de hipóteses, realização de experimentos e compartilhamento de seus resultados. Desse modo produzem-se explicações que, mais adiante, podem ser abandonadas em favor de outras, que as substituem. No processo de delimitação de saberes que vai sendo implantado com tais práticas, o projeto ocupa lugar de destaque. Mais que isso: é o projeto que sustenta essa estrutura. Ele é o que vem antes, lançando adiante, no tempo chamado de futuro, a existência daquilo que propõe. Organiza-se em uma lógica temporal sequencial e instaura-se como um agente ordenador. Todavia, tanto o projeto quanto as epistemologias com as quais se tece devem ser trabalhados na perspectiva do que Boaventura Souza Santos chama de “epistemologias do sul” (2010). Aqui se propõe colaborar nessa direção propondo uma concepção evolucionista de projeto, de extração darwiniana e peirciana, que questiona a lógica que o sustenta. Trata-se de uma lógica hegemônica para todos os campos do conhecimento, que hipertrofia a dedução e a indução e comprime a abdução, impedindo que ela seja percebida como o mais importante articulador do conjunto de cadeias da semiose que produz as descobertas. Tal lógica não leva em consideração o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento – aspecto prioritário para o que aqui se formula.

Projetar, de modo geral, se associa com planejar. O substantivo “projeto” vem do verbo “*proicere*”, que, em latim, quer dizer “jogar algo adiante”. O termo se compõe de duas instâncias, agregando o prefixo “*pro*”, que denota algo que precede, no tempo, à ação indicada no resto da palavra, “*icere*”, que vem de outro verbo, “*iacere*”, e quer dizer “jogar”.

No mundo acadêmico, o projeto se constitui no fiador da pesquisa. O projeto de pesquisa é a operação que legitima o conhecimento em quaisquer dos seus campos. O projeto atravessa as especificidades dos campos com o seu modelo epistemológico de existência e neles se torna uma norma reguladora. A construção de um campo epistemológico vem do projeto, da ação de planejar, através de um conjunto de procedimentos metodológicos, e da sua posterior

disponibilização para os pares dos resultados a que tais procedimentos conduzem. O final de um projeto toma formatos variados como, por exemplo, o de um documento escrito (de natureza monográfica, reflexiva, crítica, assertiva, propositiva, etc.), ou o de um produto ou o de um serviço.

Do modo como continua a ser hegemonicamente entendido, o projeto de pesquisa acadêmico vincula três situações: o ato de planejar, a descrição do ato de planejar e a realização do plano anunciado ou a explicação do(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) ele não é realizável. Em atividade de pesquisa, entende-se o projeto como uma ação temporária, empreendida para levar a um resultado, que encerra o projeto. O que ata as etapas de um projeto é uma estrutura lógica no tempo, que organiza, em três momentos distinguidos e subsequentes, o que antecede e o que lhe sucede. No primeiro momento, vêm a proposta do projeto; depois, a(s) sua(s) hipótese(s) são explorada(s)/testada(s)/discutida(s)/confrontada(s)/substituída(s)/transformada(s) e, por fim, comprova-se/abandona-se/repropõe-se o que havia sido anunciado antes pela(s) hipótese(s). Esses três momentos, que acontecem no tempo linear e sucessivo, são nomeados como projeto, processo e produto.

Projeto é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades interrelacionadas e coordenadas, com o fim de alcançar objetivos específicos dentro dos limites de um orçamento e de um período de tempo dados¹.

Reduzido ao documento escrito que contém a relação do conjunto de atividades a serem executadas e do que se faz necessário para o seu desenvolvimento, o projeto circunscreve e contextualiza o que vai realizar, justifica a sua necessidade/oportunidade, apresenta o corpus teórico que ampara as suas proposições, descreve o(s) seu(s) objetivo(s) e objeto(s), que meios serão utilizados, quais os recursos necessários para atingí-los e como serão obtidos, e também como se dará a avaliação do(s) seu(s) resultado(s). Um projeto depende da correta identificação do seu problema, do que ele envolve e do que o delimita. Muitas vezes, vem depois de um anteprojeto, um estudo preparatório, da mesma família lógica do projeto.

Entretanto, antes de redigir um projeto de pesquisa, alguns passos devem ser dados. Em primeiro lugar, exigem-se estudos preliminares que permitirão verificar o estado da questão que se pretende desenvolver sob o aspecto

1 Miriam Prochnow; W. B. Schaffer (Org.). *Pequeno manual para elaboração de projetos*. Rio do Sul: APREMAVI7AMAVI7FEEC, 1999. (Apostila de curso)

teórico e de outros estudos e pesquisas já elaborados. Tal esforço não será desperdiçado, pois qualquer tema de pesquisa necessita de adequada integração na teoria existente e a análise do material já disponível será incluída no projeto sob o título de “revisão da bibliografia”. A seguir, elabora-se um anteprojeto de pesquisa, cuja finalidade é a integração dos diferentes elementos em quadros teóricos e aspectos metodológicos adequados, permitindo também ampliar e especificar os quesitos do projeto, a “definição dos termos”. Finalmente, prepara-se o projeto definitivo, mais detalhado e apresentando rigor e precisão metodológicos².

A organização do projeto em um documento distribui o trabalho em etapas a serem cumpridas, e torna público o que se quer alcançar. Essa distribuição permite:

- a) identificar as principais deficiências que porventura venham a ocorrer;
- b) apontar possíveis falhas durante a execução das atividades previstas;
- c) superar tais entraves.

Como se vê, a estruturação do projeto embute ferramentas de controle. A sua divisão em etapas sequenciais claramente descritas favorece o exercício do controle. No centro desse controle encontra-se o conceito de ordem ligado ao de previsibilidade e estabilidade. E quando se fala nesse tipo de ordem, vale lembrar que o físico Erwin Schrodinger (1967) disse que a vida pode ser definida em função da segunda lei da termodinâmica, aquela que diz que o mundo tende a um estado mais desordenado porque a entropia (desordem) de qualquer sistema aumenta com o passar do tempo. Apesar dessa descrição, as coisas vivas desafiam a perspectiva de que nos encaminhamos para um estado completamente desordenado, o da morte térmica do Universo.

A flecha do tempo dada pela entropia – a perda de organização, ou perda de diferenças de temperatura – é estatística e está sujeita a inversões locais em pequena escala. O mais surpreendente: a vida é uma inversão sistemática de entropia, e a inteligência cria estruturas e diferenças de energia contra a suposta “morte” gradual por meio da entropia do universo físico³.

2 MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. *Metodologia do trabalho científico*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006, p. 99.

3 GREGORY Richard apud DENNETT, Daniel C. *A Perigosa Idéia de Darwin. A Evolução e os Significados da Vida*. Ed. Rocco, 1998. p. 72.

O fato da vida conseguir surpreender nosso destino termodinâmico colabora para se entender que o elo que ata projeto e ordem pode ser questionado. Aqui será trazido o evolucionismo de extração darwiniana e a semiótica peirceana para problematizar o entendimento de projeto como instrumento da ordem que objetiva o progresso do campo no qual se insere.

A ordem representa um padrão, uma regularidade, e o projeto, uma utilização desse padrão (a ordem) com um propósito. O projeto trabalha com “limites relativamente impenetráveis que coincidam com os limites epistêmicos de seus criadores”⁴. Organiza-se dentro das epistemologias praticadas pelos seus criadores e torna-se um poderoso instrumento da sua disseminação. Pratica regras ordenadoras específicas (não à toa, estrutura-se em partes sequenciais, obediente a um cronograma antecipadamente descrito), baseadas na previsibilidade, mesmo quando abre espaço para situações não delimitadas.

Cada projeto se insere em uma trilha composta por outros projetos já realizados, com um sentido de aperfeiçoamento ou de superação, carregando uma flecha direcionada ao progresso. Mesmo a hipótese não escapa dessa obediência.

A hipótese é um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos), formulado como solução provisória para determinado problema, apresentando caráter explicativo ou preditivo, compatível com o conhecimento científico (coerência externa) e revelando consistência lógica (coerência interna), sendo passível de verificação empírica em suas consequências⁵.

Compreendido o ambiente no qual o projeto vive, torna-se possível identificar, na sua associação com o binômio ordem/progresso, um certo extrato lamarkista⁶. Um acordo tácito no qual o projeto é uma espécie de escada de aperfeiçoamento a ser galgada entre a hipótese (um indicativo, uma ideia sobre, algo como uma sugestão baseada em um diagnóstico) que soluciona o problema a ser tratado através do produto que dela resultará.

4 DENNETT, Idem, p. 223.

5 MARCONI e LAKATOS, Op.cit., p. 161.

6 Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744-1829), naturalista francês, desenvolveu uma teoria da evolução, hoje desacreditada, baseada em duas crenças: 1) a de que existe uma tendência ao melhoramento constante, rumo à perfeição. Haveria uma força externa agindo em linha contínua e progressiva, aumentando a complexidade dos seres menos desenvolvidos até os mais desenvolvidos; 2) esta tendência não atuaria sozinha na evolução, pois haveria também a lei do uso e desuso que, conjugada com a transmissão dos caracteres adquiridos, provocaria desvios na linha evolutiva.

O projeto é uma das etapas componentes do processo de elaboração, execução e apresentação da pesquisa. Esta necessita ser planejada com extremo rigor, caso contrário o investigador, em determinada altura, encontrar-se-á perdido num emaranhado de dados colhidos, sem saber como dispor dos mesmos ou até desconhecendo seu significado e importância⁷.

A hipótese é o que monta a escada que conduzirá ao processo que resultará no produto. Todavia, ao ser formulada, já indica o processo necessário para o seu desenvolvimento. Toda hipótese gera, a partir de si mesma, o processo adequado para nele se abrigar. É o entendimento de passado-presente-futuro em simultaneidade, fora da linearidade temporal-sequencial na qual existe sempre um antes separado de um depois. O presente é o que do passado e do futuro sobreviveu até agora. Pode parecer estranho falar do futuro com o verbo flexionado no passado e atrelado ao presente. Todavia, se a hipótese indica o modo dela se realizar, isso quer dizer que o seu futuro desenvolvimento se anuncia quando ela mesma se enuncia.

Epistemologias

A epistemologia foi consagrada por Bachelard nos anos 30, mas vem de uma linhagem mais antiga. Epistemologia vem de *episteme*, termo grego que equivale, de modo geral à ciência, embora Platão e Aristóteles designassem a ciência, que consideravam a forma mais elevada de conhecimento, por *theoria*. Platão e Aristóteles consideravam que a *theoria* era aquilo que descrevia a contemplação da realidade abstrata, ou seja, que a epistemologia dizia respeito à metafísica.

Um outro sentido de epistemologia vai surgir na modernidade, e se refere à *techné*, ao conhecimento produtivo, operacional, instrumental. Trata-se de uma compreensão mais ampliada de epistemologia, que cobre todos os saberes de interesses práticos, da mecânica à escultura, à dança. É essa epistemologia distendida que está sendo aqui considerada.

Podemos tratar os projetos, em termos epistemológicos, como um modelo de entendimento de mundo que consolida o racionalismo (quando baseados na dedução como a lógica que traz novas descobertas) e o empirismo (quando baseados na indução como a lógica que conduz o particular para o geral). Com a escolha da dedução e da indução como as formas de raciocínio confiáveis, o modelo da ordem e do controle fica assegurado.

7 MARCONI; LAKATOS, op.cit., p. 99.

Além de ser necessário sublinhar a estrutura causal que o projeto dissemina, vale lembrar também que não há conhecimento separado dos atores sociais que o promovem, e que diferentes modos de viver em sociedade produzem epistemologias distintas.

Como se sabe, as relações sociais são sempre culturais e políticas. Apesar disso, o que domina a epistemologia é um entendimento que não leva em consideração o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento. Bem ao contrário, pleiteia a universalidade. Segundo Meneses (2007), o projeto da colonização pretendeu homogeneizar o mundo, apagando as diferenças culturais, promovendo um “epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena”⁸.

Lógica da abdução e processos de criação

Não se pode esquecer que o projeto existe a partir da escolha de algum modelo.

Modelos são parte de estratégias usadas para entender estruturas e processos de evidências por aproximações, através de descrições simplificadas dessas evidências. Toda modelização envolve idealização, simplificação, abstração e sistematização de um fenômeno⁹.

O modelo de projeto apoiado na dedução/indução ignora o primeiro termo da sua tríade estruturadora. Pois é a abdução a chave que permite o entendimento de projeto fora da ordenação sequencial-temporal que habitualmente o relaciona somente à dedução ou indução. Com Peirce¹⁰, torna-se possível compreender a abdução como uma ‘lógica da descoberta’, e isso se dá porque, além dela ser considerada também uma forma de raciocínio, é tida como a única capaz de produzir ideias novas. Apresentada como “o processo de formar hipóteses explanatórias” (CP 5.171), a abdução é conduzida por uma espécie de “instinto adivinatório” e, tratada como sendo uma estratégia de investigação.

8 SANTOS Boaventura de Sousa; MENESES Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Cortez Editora, 2010, p. 208.

9 QUEIROZ, João. *Semiose Segundo C. S. Peirce*. Ed. Educ/Fapesp, 2004, p. 51.

10 Charles Sanders Peirce (1839-1914) formou-se em Harvard em Física e Matemática e em Química na Lawrence Scientific School, deixou contribuições em várias áreas do conhecimento: lógica, astronomia, geodésica, matemática, teoria e história da ciência, econometria, psicologia, e especialmente semiótica, sendo considerado o fundador da semiótica norte-americana.

O mais comum, contudo, é localizar a abdução somente na primeira etapa, aquela responsável pela formulação da hipótese. Todavia, o que aqui se pretende, é chamar a atenção para o fato de que a abdução faz parte das três etapas do projeto (projeto-processo-produto), com pesos e intensidades diferentes em cada uma delas, a partir do entendimento de que todas as formas de raciocínio começam na abdução. Sedo assim, a abdução está presente em todas as etapas do projeto, pois é com ela que tateamos qualquer situação ainda não descrita, ainda não formulada.

A abdução inicia o discernimento, uma habilidade cognitiva que nos torna capazes de identificar, seja como necessidade planejada ou como uma repentina reorganização da experiência. O instante fugaz em que o discernimento começa acontece em meio a uma grande quantidade de variáveis. E surge como um dentre inúmeros outros possíveis jogos combinatórios.

Quando um indivíduo enfrenta pela primeira vez um problema inusitado, as respostas mais óbvias podem falhar completamente. Para ter êxito, as várias características do problema devem ser reformuladas de maneira diferente e, geralmente, muito pouco habitual. Como consequência, o solucionador do problema pode entrar num período de incubação, em que a mente deve se abrir a várias possibilidades¹¹.

No período de incubação, ficamos expostos a todo tipo de estímulos, em um fluxo permanente que mistura o que vem de fora (fatos do mundo, outros projetos...) com o que está no corpo (memórias, associações...). Esse fluxo de estímulos é aleatório e produz diversas possibilidades, dentre as quais apenas uma nos encaminha para a solução que se apresenta (e que pode variar, mais adiante, em outro momento). O processo que nos carrega até ela é cego e, como a maior parte dos estímulos casuais, ocorre em nosso inconsciente cognitivo¹². Não poucas vezes, não nos damos conta do que exatamente nos levou ao resultado.

11 SIMONTON Dean K. *A Origem do Gênio. Perspectivas Darwinianas sobre a Criatividade*. Ed. Record, 2002. p. 69.

12 George Lakoff e Mark Johnson escreveram em 1999 *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge To Western Thought*, livro no qual descrevem que as três maiores descobertas das ciências cognitivas são: a mente é corporificada, o pensamento é em parte inconsciente e os conceitos abstratos são em parte metafóricos. O entendimento do inconsciente cognitivo como parte constitutiva da consciência é fundamental para o processo de construção do sistema conceitual mediado pela compreensão de mundo, no qual a razão abstrata não é considerada separada do sistema sensorio-motor, mas sim construída a partir da ação do corpo no mundo.

A mente não só deve ser capaz de se envolver em um jogo combinatório desordenado, mas, além disso, esse jogo frequentemente parece ser incentivado pelas justaposições aleatórias de estímulos visuais. Esses estímulos suscitam, da melhor maneira possível, mutações cognitivas¹³.

Mas há processos comportamentais que se situam abaixo do discernimento. Epstein¹⁴ descreve o “princípio de ressurgimento”: quando um comportamento deixa de ser bem sucedido, outro comportamento, que tenha sido bem sucedido em situações semelhantes, tende a voltar. “O organismo passa a gerar variantes comportamentais baseadas em todas aquelas situações passadas que poderiam ter alguma relação com o problema atual.”¹⁵ A probabilidade do surgimento de comportamentos muda de acordo com a relação com do corpo com o ambiente. O corpo vai testando variantes e, assim, se adaptando.

Adaptação constitui uma característica fundamental, quando se trata de projeto. Todas as suas partes constitutivas devem estar bem adaptados ao que pretendem, isto é, devem estar bem ajustadas aos seus propósitos. Mas adaptação tem também um outro sentido, o de um processo evolutivo.

Aqui, “adaptação” significa aquelas alterações transgeracionais dos traços e capacidades dos organismos em uma linhagem que os torna aptos a resolver (ou a melhorar em soluções prévias existentes) problemas colocados pelo ambiente, problemas de integração interna, e o problema da reprodução¹⁶.

Com Darwin, aprendeu-se que a adaptação tem a ver com o design (o projeto), entendendo-se o design como um ajuste entre forma e função. O interessante é não esquecer que os processos de adaptação se dão por seleção entre processos de descendência com modificação. O uso do termo “adaptação” em contexto evolutivo não se refere aos ajustes fisiológicos por plasticidade fenotípica nem tampouco a uma mudança na capacidade de resposta do tecido nervoso/muscular por estimulação repetida.

Para ser considerado uma adaptação, o traço deve se mostrar como uma consequência da seleção para aquele traço, seja seleção natural ou sexual e

13 Idem, p. 73.

14 Apud Ibid.

15 Ibid, p. 67.

16 BURIAN, Richard M. “Adaptation: Historical Perspectives”, em *Keywords in Evolutionary Biology*, ed. por KELLER, Evelyn F. e LLOYD, Elisabeth A., p. 7-12, Harvard University Press, 1995, p. 7.

seleção social – se o contexto seletivo envolve o que Darwin chamou de “a luta pela existência” (...)”¹⁷.

O projeto da evolução

A respeito da relação entre o projeto e o seu resultado, Fodor descreve o tipo de situação que pode nos ajudar a entender a proposta que está aqui sendo apresentada: “nada define onde termina a construção e começa o funcionamento”¹⁸. Ou seja, como acomodar a descrição de um fenômeno sem fronteiras completamente delimitadas entre o planejamento da sua construção e o início do seu funcionamento, com esse outro entendimento de projeto, o de um roteiro ordenador de etapas temporais subsequentes, previsíveis e responsáveis pela produção de um resultado entendido como um novo tijolo na construção do progresso?

Em uma pesquisa, nada se faz ao acaso. Desde a escolha do tema, fixação dos objetivos, determinação da metodologia, coleta de dados, sua análise e interpretação para a elaboração do relatório final, tudo é previsto no projeto de pesquisa. Este, portanto, deve responder às clássicas questões: o quê? por quê? para quê e para quem? onde? como, com quê, quanto e quanto? quem? com quanto?¹⁹.

Será possível propor a manutenção do conceito de projeto para aquele no qual o acaso esteja estruturalmente incluído?

Lembremos que é a abdução que inicia os processos de inferência que nos permitem caminhar pelo mundo. É com a inferência abductiva que não apenas iniciamos, mas conduzimos um projeto. Para os que entendem que o conhecimento opera por um processo sempre provisório de variação-seleção-adaptação, a abdução não se restringe somente a um primeiro e único momento, pois perspassa todas as etapas da sua formulação. Quando esse conhecimento é da natureza da descoberta, aquilo a que Peirce chama de abdução infla a sua presença, embora participe também, em dose diferente, na formulação dos outros tipos de conhecimento.

17 WEST-EBERHARD Mary Jane. “Adaptation: Current Usages”, em *Keywords in Evolutionary Biology*, ed. por KELLER, Evelyn F. e LLOYD, Elisabeth A., p. 13-18, Harvard University Press, 1995, p. 13.

18 FODOR Jerry. *Psychosemantics*. MIT Press, 1987, p. 103.

19 MARCONI e LAKATOS, op. cit., p. 99.

O crescimento de nosso conhecimento é o resultado de um processo bem semelhante ao que Darwin chamou de “seleção natural”; ou seja, a *seleção natural de hipóteses*: nosso conhecimento consiste, a toda hora, nessas hipóteses que mostraram a sua adequação (comparativa), sobrevivendo por muito tempo em sua luta pela existência; uma luta competitiva que elimina as hipóteses que são inadequadas²⁰.

Darwin explicou todos os frutos da evolução como produtos de um processo algorítmico que nomeou de seleção natural, e o descreveu como um processo irracional e mecânico. Essa ideia de Darwin

fornece uma nova explicação para a origem, por meio da acumulação gradual, de todos os Projetos no universo. Desde Darwin, o ceticismo tem como alvo a sua afirmação implícita de que os vários processos de seleção natural, apesar da sua irracionalidade básica, são suficientemente poderosos para terem feito todo o trabalho de planejamento que se manifesta no mundo²¹.

É justamente esse tipo de planejamento ou projeto que está sendo trazido aqui para dialogar com o projeto ordenado na direção do progresso. Darwin nos oferece a explicação de que esse outro tipo de projeto está distribuído por toda a natureza, “sendo uma criação extremamente única e insubstituível, que jamais poderia ser exatamente duplicada em seus muitos detalhes”²².

O que é o trabalho do projeto? É esse maravilhoso casamento de acaso e necessidade, acontecendo em trilhões de lugares ao mesmo tempo, em trilhões de níveis diferentes. E que milagre causou isso? Nenhum. Simplesmente aconteceu, na plenitude do tempo²³.

Charles Darwin propôs, em 1859, que um processo cego, inconsciente e automático seria o responsável pela existência e pela forma de todos os seres vivos. Como o processo não tinha mente, não possuía capacidade de imaginar e, portanto, não podia planejar nada com vistas ao futuro. Se se pudesse pensar nesse processo como sendo uma espécie de relojoeiro da natureza, ele seria um relojoeiro cego. A seleção natural é o relojoeiro cego, que funciona

20 POPPER apud SIMONTON, op. cit., p. 46.

21 DENNETT, op. cit. p. 63.

22 Idem, p. 546.

23 Ibid.

por transformações graduais, passo a passo, partindo de fenômenos suficientemente simples para terem surgido do acaso²⁴.

Hawkins explica ainda que cada mundança sucessiva no processo de transformação gradual que foi acontecendo, e que recebe o nome de evolução, também foi simples o bastante, em relação à mudança anterior, para também ter acontecido por acaso. O mais interessante nesse processo, contudo, é que o fato desses passos cumulativos terem sido produzidos ao acaso não significa que eles se organizam em uma sequência aleatória.

A organização biológica é um bom exemplo de um tipo de seleção cumulativa interessante para se pensar esse outro tipo de projeto aqui proposto.

Na seleção cumulativa, por sua vez, as entidades “reproduzem-se” ou, de alguma outra maneira, os resultados de um processo de peneiragem são incluídos na peneiragem seguinte, cujos resultados, por sua vez, passam para a próxima, e assim por diante. As entidades são sujeitas à seleção ou classificação ao longo de muitas gerações, sucessivamente. O produto final de uma geração de seleção é o ponto de partida para a próxima geração de seleção, e assim por muitas gerações²⁵.

E aqui temos dois pontos a considerar com mais cuidado:

- a) a distinção entre acaso e aleatoriedade, pois ela nos remete ao fenômeno da abdução;
- b) a seleção cumulativa nos remete, por uma associação por semelhança na descrição de como ela se processa, para o fenômeno da semiose.

O fenômeno que o projeto está sistematizando com a sua idealização, simplificação e abstração, é o fenômeno da semiose. Entendendo-se a semiose como a relação entre os três termos necessários, suficientes e irreduzíveis que, segundo Peirce, constituem o seu processo (signo é o primeiro termo, objeto é o segundo, e o terceiro é o interpretante), pode-se inferir que essa relação se faz como um padrão irreduzivelmente triádico dos termos nela conectados. A relação triádica entre signo, objeto e interpretante é irreduzível no sentido de que não pode ser decomposta em outra relação mais simples. Por ser procesual, envolve tempo, o que faz da semiose um processo irreversível.

24 HAWKINS, Stephen. *O Universo numa Casca de Noz*. São Paulo: Mandarim, 2001., p. 23-24, 42.

25 Idem, p. 76-77.

Por semiose quero dizer (...) uma ação, ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação de três instâncias, tais como o signo, seu objeto e seu interpretante, uma influência trirrelativa que não pode, de modo algum, ser resolvida na forma de ações entre pares²⁶.

Sendo a semiose um processo irreduzível entre signo-objeto-interpretante, pode-se entendê-la como um processo de significação. Para tal, é necessário primeiro esclarecer porque semiose e informação podem ser associadas, e que as noções de significado, informação e semiose se aproximam e se distinguem, ao longo da obra de Peirce. Se a semiose (informação) acontece nesse processo de dependência triádica, é ela que muda o estado do intérprete porque a semiose é o processo através do qual uma forma corponectada²⁷ no objeto de modo regular é comunicada para um interpretante através da mediação de um signo que ocorre em determinado momento.

Antes de prosseguir, é necessário lembrar que, para Peirce,

aquilo que é comunicado do objeto, através do signo, para o interpretante, é uma Forma, o que equivale a dizer: não é nada como um existente, mas é um poder, é o fato de que alguma coisa aconteceria sob certas condições²⁸.

E se é a semiose o que instancia as cadeias de tríades aqui descritas, ela não pode ser pensada como uma tríade em si mesma. Vale lembrar que “a ênfase de Peirce não se dá sobre o conteúdo, a essência ou a substância, mas, mais propriamente, nas relações dinâmicas”²⁹. Sendo um continuum, a semiose nos faz perceber que a cadeia signo-objeto-interpretante não estanca no interpretante, uma vez que cada interpretante de uma cadeia participa também de uma outra cadeia. Encadeamentos contínuos de cadeias.

A compreensão da semiose como um processo contínuo de tríades nos impede de considerar que um projeto consitui um ponto zero em um processo investigativo. Quando projetamos, não estamos em uma origem do tipo ponto

26 (CP 5.484)

27 O conceito de corponectar foi cunhado por Lenira Peral Rengel e pelo poeta José Carlos Aguilar na tese de doutorado que Rengel defendeu na PUC-SR no Programa em Comunicação e Semiótica, em 2008. Trata-se de uma tradução para o termo “embodied”, criada com o objetivo de escapar dos dualismos embutidos nas traduções mais comuns como encarnado, incorpado, materializado como corpo, etc.

28 MS793, 1-3, apud QUEIROZ, 1999, p. 155.

29 MERRELL, Floyd. *Peirce's Semiotics Now*. Toronto: Canadian Scholar's Press, 1995, p. 78.

zero. Todo início de projeto pode ser lido como o momento que inaugura um processo local em um fenômeno já existente. Essa inauguração se dá a partir de uma espécie de “intuição lógica”, a abdução.

Projeto epistemologicamente evolucionista

A reação entre crenças consolidadas e novas enunciações é, com frequência, a de rejeitar o que está fora dos nossos hábitos perceptivos. Sempre que isso se dá, instaura-se o pensamento religioso, aquele que se caracteriza por não rever a sua posição porque, ao ser fundado pela crença, nela permanece. O pensamento religioso nos impede de perceber que a cada vez que algo é substituído por outro algo, o que se ganha é, de imediato, uma melhor compreensão do que foi substituído.

Além disso, o processo de substituição passa a iluminar focos que permaneciam até então obscuros e que, por terem sido iluminados, começam a estimular outros experimentos e outras observações. Os resultados que daí vão surgindo acomodam-se no movimento de trocas que vai desenvolvendo o campo no qual a troca se deu.

Não se discorda hoje que a teoria da relatividade e a mecânica quântica nos fizeram compreender com mais profundidade a física newtoniana. Albert Einstein, à princípio, não aceitou a teoria quântica porque ela era probabilística e não local, características que violavam a sua intuição a respeito do mundo. Mais adiante, contudo, decidiu aceitá-la como provisória, por não se permitir ignorar os sucessos que a teoria quântica estava amalhando.

A proposta aqui desenvolvida ambiciona colaborar com o entendimento de projeto como um dispositivo cognitivo de características evolucionistas, costurado pela abdução em todos os seus momentos de realização. Nesse sentido, projeto e resultado de projeto acontecem juntos, pois o resultado está presente de partida. Já se encontra vislumbrado, delineado, proposto nos modos como é anunciado. Já é real, assim como o processo necessário para produzi-lo. Projeto, processo e produto ocorrem em simultaneidade. O que pode ainda faltar quando o projeto se inicia, é o tempo para que o real se torne existente. E na ação de transformar o real em existente não deve esquecer da necessidade de preservar a diversidade epistemológica – estratégia alternativa à subscrição subserviente de alguma epistemologia dominante produzida pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo.

A pluralidade epistemológica do mundo e, com ela, o reconhecimento de conhecimentos rivais dotados de critérios diferentes de validade tornam

visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de ações e de agentes sociais. Tal pluralidade não implica o relativismo epistemológico ou cultural mas certamente obriga a análises e avaliações mais complexas dos diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo produzidos pelos diferentes tipos de conhecimento. O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar, tanto no interior da ciência (a pluralidade interna da ciência), como na relação entre ciência e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência)³⁰.

Espectros amplos da pluralidade são inspirações e expirações indispensáveis a quem faz o conhecimento avançar.

30 SANTOS, op. cit., p. 18-19.